

Sibacem

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES, COMPOSITORES E ESCRITORES DE MÚSICA

DIREÇÃO: BRAGA FILHO • N.º 75 • SETEMBRO 1968

| em revista





Meu irmãozinho!..

JORGE AMADO

De quando o conheço, quando ouvi pela primeira vez essa voz a repetir: "meu irmão, meu irmãozinho"? Há quantos anos já andamos juntos pelos caminhos do mundo, os largos e brilhantes, os estreitos e perigosos, os da realidade e os do sonho, os distantes caminhos e os caminhos de casa? Bem mais de trinta anos dêsse meio século que já vivemos — e o vivemos tão intensa e ardentemente que cada ano vale bem um lustro de experiência e criação.

Não sei, não recorro quando e onde conheci Dorival Caymmi, quando nos apertamos as mãos pela primeira vez e pela primeira vez rimos juntos nossa alegria. Foi, com certeza, na Bahia, antes da partida de nosso ita, levando-nos — ao aprendiz de compositor e ao aprendiz de escritor — para tentar exercer nossos ofícios no Rio. Naquele tempo quem quisesse um lugar ao sol tinha de começar pelo sacrifício de sair de sua terra, a terra da Bahia onde éramos livres adolescentes nos mercados e nas praias. Só no Rio havia ambiente e oportunidades.

Naqueles idos de 1936 o mundo era nosso nas ruas do Rio de Janeiro, lá se vão trinta anos. Uma canção que fizemos juntos naquela época, **É Doce Morrer no Mar**, tirada de uma cena de **Mar Morto**, continua popular até hoje e, pode-se mesmo dizer: cada vez mais. Aliás, eis uma das características fundamentais da música de Caymmi: sua permanência, sua constante atualidade.

Dorival Caymmi teve em Assis Chateaubriand, um dos maiores incentivadores de sua arte prodigiosa. O "velho Capitão" orientou o grumete poeta, nas ondas do rádio e da tevê. E-lo na ocasião em que comandou a entrega de um violão especial ao intérprete de "Maracangalha". No flagrant, Teófilo de Barros Filho (na época Diretor da PRG-3, Caymmi, Assis Chateaubriand e a saudosa cantora Cristina Maristany Dezembro de 1943)

Sendo seu tema a Bahia, sua vida, seu povo, seu drama, sua luta, seu mistério, sua poesia, seus amôres, a morena de Itapoã e as rosas de abril, Iemanjá e o vento do oceano, a jangada e o saveiro, o mundo da Bahia, não há frase sua, uma única, de música ou poesia, que seja circunstancial, que derive da moda, de uma influência momentânea. Não compôs demais, ao sabor do sucesso e da novidade. Cada música sua é inspiração verdadeira e experiência vivida, é seu sangue e sua carne, é sua verdade. Uma será mais bela, outra mais profunda, aquela mais fácil, porém nenhuma, mas nenhuma mesmo, resulta da busca do sucesso ou do aproveitamento de qualquer circunstância.

Caymmi leva meses e meses trabalhando cada uma de suas músicas e letras, ao sabor do tempo e da preguiça baiana e criadora. Segundo diz Sérgio Porto, a música de Caymmi muito deve a essa preguiça, ou melhor: a êsse tempo de lazer de medida tão larga, êsse tempo baiano. De tudo isso posso dar testemunho, pois nesses trinta e tantos anos eu o vi compor sem descanso mas sem pressa, vi também nascer e crescer a maioria de suas composições mais famosas. Em minha casa — em várias das casas onde vivi — êle trabalhou e criou. Jamais espicaçado por compromisso ou intenção imediatista. Jamais.